

nal. Assim, partindo de uma base empírica, o autor relaciona a estratificação social com o sistema de produção, o que foi nosso ponto de partida teórico.

Goldthorpe refuta, no entanto, o ponto de vista de que o sistema técnico de produção tenha a capacidade de assemelhar as hierarquias sociais das sociedades industrializadas. Propõe, ao contrário do poder unificador do determinismo tecnológico, a preponderância de uma variabilidade de hierarquias de valores ao comparar diversas sociedades industriais. Variações e semelhanças entre sistemas estratificatórios constituem, portanto, um dos principais enfoques desse campo da Sociologia, e uma das possíveis linhas de progresso do estudo da estratificação social pela intensidade dos debates entre uma perspectiva generalizante e uma particularizante. Aqui podemos retomar as proposições de Bourdieu quando nos lembra a estrutura de relações em um sistema de estratificação, e as propriedades de posição das ocupações, que são relativamente independentes das propriedades intrínsecas de uma determinada prática profissional. Assim é possível comparar estratos sociais em situações históricas diferentes e em sociedades diferentes, apontando para suas homologias e diferenças.<sup>50</sup> As hierarquias sociais se constituem tanto em sociedades industriais quanto em não-industriais, apresentando ao mesmo tempo uma série de características comuns e diferentes, cujo estudo constitui objeto do ramo da Sociologia conhecido como estratificação social.

Podemos estudar as hierarquias sociais de forma comparada, ou também com relação aos valores e cultura de uma determinada sociedade. Esses valores podem ser especificados através da análise da estrutura de produção dessa sociedade, particularmente de sua divisão do trabalho. Muito embora essa associação seja possível, a correlação não é perfeita. O estudo dos valores oferece a perspectiva das representações coletivas, que melhor expressam uma dada cultura. Estas representações são empregadas na classificação de pessoas em hierarquias sociais. Nesse ponto as valorações diferenciais se encontram com a distribuição de especializações, que é feita pela divisão de trabalho. Essa interação pode ser tratada como sistema e nos permite falar de hierarquias em classes sociais.

<sup>50</sup> Pierre Bourdieu, "Condição de Classe e Posição de Classe", nesta coletânea.

## CONDIÇÃO DE CLASSE E POSIÇÃO DE CLASSE\*

PIERRE BOURDIEU

Tradução de ROSA MARIA RIBEIRO DA SILVA

OS SOCIOLOGOS dão sempre um sentido à palavra *estrutura* quando falam de "estrutura social"?<sup>1</sup> É preciso pois perguntar se, e em que medida, as partes constitutivas de uma sociedade estratificada, classes ou grupos de *status*, formam uma estrutura, isto é, para se ater provisoriamente a uma definição mínima, se, e em que medida, elas mantêm relações outras que de simples justaposição e, conseqüentemente, manifestam propriedades que resultam de seu pertencimento à totalidade ou, mais precisamente, de sua posição no sistema completo das relações que comanda o sentido de cada relação particular.

Tomar a sério a noção de estrutura social é supor que cada classe social deve ao fato de ocupar uma posição na estrutura social, historicamente definida, e ser afetada pelas relações que

\* Traduzido com autorização do autor e do editor do original: "Condition de Classe et Position de Classe", *Archives Européennes de Sociologie*, VII, 1966, pp. 201-223.

<sup>1</sup> "Structure sometimes has its common-sense meaning, as when we speak of the structure of a dance. Sometimes it emphasizes forms; sometimes organization; as in the term "social structure" which is tending to replace "social organization." Without appearing to add either content or emphasis of meaning." A. L. Kroeber, "Structure, Function and Pattern in Biology and Anthropology", *The Scientific Monthly*, LVI (1943) 98-120. "Estrutura algumas vezes tem um sentido comum como quando nós falamos da estrutura de uma dança. Algumas vezes enfatiza forma; outras, organização; como no termo "estrutura social" que tende a substituir "organização social" sem que pareça adicionar conteúdo ou ênfase ao seu significado." (Tradução inserida pela organizadora.)

na unem às outras partes constitutivas da estrutura, propriedades de posição, relativamente independente de propriedades intrínsecas tais como um certo tipo de prática profissional ou condições materiais de existência.<sup>2</sup>

Vejamus um exemplo: pode-se, como faz Weber, isolar na condição do camponês o que se refere à situação e à prática de trabalhador da terra, isto é, um certo tipo de relação com a natureza, feito de dependência e de submissão, e correlativo de certos traços recorrentes da religiosidade camponesa, ou o que se refere à posição do camponês numa estrutura social determinada, posição extremamente variável, segundo as sociedades e segundo as épocas, mas dominada pela relação com o cidadão e a vida urbana. Da mesma forma, Redfield afirma que o camponês enquanto tipo humano não pode ser definido senão em referência à cidade,<sup>3</sup> a relação com o cidadão e com a vida citadina sob todos os seus aspectos sendo uma das características constitutivas da existência camponesa: O caçador ou o aldeão "pré-civilizado" é "pré-letrado"; o camponês é iletrado.<sup>4</sup> E, da mesma forma que alguns traços universais da religião camponesa se ligam à situação e à prática do camponês, outros não podem ser compreendidos senão em referência a sua posição: assim na Argélia tradicional, a religião no campo devia muitas de suas características ao fato de estar

<sup>2</sup> "Assim, escreve Radcliffe-Brown (...) quando nos ocupamos de um sistema estrutural, lidamos com um sistema de posições sociais, enquanto que, numa organização, lidamos com um sistema de papéis". *Structure and Function in Primitive Society*, Londres, 1963, p. II.

<sup>3</sup> "Rather than use it (the word 'peasant'), as some have, for any community of small scale producers for market, let us reserve it for this new type. It required the city to bring it into existence. There were no peasants before the first cities. And those surviving primitive peoples who do not live in terms of the city are not peasants (...) The peasant is a rural native whose long established order of life takes important account of the city." R. Redfield, *The Primitive World and its Transformations*, N. Y., Cornell University, 1961, p. 31. "Melhor que usá-la (a palavra 'camponês'), como alguns fazem, para qualquer comunidade de pequenos produtores para o mercado, reservemo-la para esse novo tipo. Foi necessária a cidade para trazê-lo à existência. Não havia camponeses antes das primeiras cidades. E aqueles povos primitivos sobreviventes que não vivem em função da cidade não são camponeses (...) O camponês é um nativo rural cuja ordem de vida há muito tempo estabelecida dá muita importância à cidade." (Tradução inserida pela organizadora.)

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 36.

sempre se comparando à religião citadina e de se interpretar tanto na sua forma quanto na significação de suas práticas, segundo as mesmas normas da religião islâmica. Não há dúvida de que as propriedades de posição e as propriedades de situação não podem ser dissociadas senão por uma operação do espírito — quanto mais não fosse porque a situação de classe pode também se definir como posição no sistema das relações de produção e sobretudo porque a situação de classe define a *margem de variação*, geralmente muito estreita, que é deixada para as propriedades de posição. No entanto, a única maneira de medir o valor dessa distinção consiste em experimentar sua fecundidade heurística.

Se, retomando uma distinção de Wertheimer,<sup>5</sup> a classe social não é somente um "elemento" que existiria em si mesmo sem ser em nada modificado ou qualificado pelos elementos com os quais ele coexiste, mas também uma "parte", isto é, um constituinte determinado por sua integração numa estrutura, vê-se que o desconhecimento das determinações específicas que uma classe social recebe do sistema de suas relações com as outras classes pode levar a falsas identificações e a deixar escapar analogias reais. Assim, o sistema de critérios que é utilizado para definir tal ou qual classe social numa pequena comunidade determinará, aplicado a uma grande cidade ou à sociedade global, uma categoria estrutural completamente diferente: a classe alta de uma pequena cidade apresenta a maior parte das características das classes médias de uma grande cidade: isso não significaria somente, como sugerem Lipset e Bendix,<sup>6</sup> que os membros dos círculos mais fechados da sociedade da província seriam frequentemente excluídos de círculos equivalentes de uma grande cidade, quer dizer, sobretudo, que, colocados em posições sociais estruturalmente diferentes, eles se distinguem, por muitas de suas condutas e de suas atitudes, de indivíduos com os quais podem partilhar certas características econômicas, sociais e culturais.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Wertheimer, "Untersuchungen zur Lehre von der Gestalt", *Psychologische Forschung*, 1 (1921), 45-60.

<sup>6</sup> S. M. Lipset e R. Bendix, "Social Status and Social Structure: A Reexamination of Data and Interpretations: II", *The British Journal of Sociology*, II (1951), 230-254.

<sup>7</sup> Assim pelo fato de que a significação e a função que cada classe social confere à fotografia se definem por oposição àquelas que lhe conferem as outras classes, a prática fotográfica que as classes altas, sobre-

Mas ao proibir as transferências irrefletidas de esquemas descritivos e explicativos de uma sociedade para outra, ou para outra época da mesma sociedade, a consideração das propriedades de posição não colocaria os sociólogos diante da alternativa — bem conhecida pelos etnólogos<sup>8</sup> do universalismo abstrato e vazio e da ideografia, cuja preocupação de recolocar cada grupo ou cada traço cultural na rede de suas relações com os outros grupos ou os outros traços de cada sistema particular torna incapaz de apreender as formas e os processos comuns? De fato, quando Marx fala de objetivismo pequeno-burguês<sup>9</sup> ou quando Max Weber designa para cada classe ou grupo de *status*, camponeses, burocratas, guerreiros ou intelectuais, propriedades trans-históricas ou transculturais tais como uma certa atitude para com o mundo ou um certo tipo de religiosidade,<sup>10</sup> supõem resolvida a questão das condições da comparabilidade de “partes” de estruturas diferentes e da validade das leis gerais em Sociologia, questão análoga àquela que

tudo em Paris e na região parisiense, tendem a recusar como vulgar por ser divulgada, pode encontrar, em outros contextos, seu valor de signo de distinção de *status*. Mais afastada do foco dos valores culturais e menos provida de distrações nobres, a burguesia das cidades médias da província pode encontrar numa prática próxima daquela das classes médias de Paris um meio de expressar uma posição diferente numa estrutura social diferente, enquanto a pequena-burguesia de emancipados de um burgo do Sudoeste da Córsega trai por uma adesão às vezes fervorosa a essa prática emprestada pela sociedade urbana, dona de toda distinção, o desejo de escapar aos lazeres costumeiros, encontros nos cafés ou serões familiares, e de romper com a rotina monótona de uma sociedade tradicional que organiza os encontros sociais baseada nas relações de parentesco mais do que na diversidade de condições (cf. Bourdieu *et al.*, *Un art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie*, Minuit, Paris, 1965).

<sup>8</sup> Cf. A. R. Radcliffe-Brown, “The Comparative Method in Social Anthropology”, em *Method in Social Anthropology*, org. por M. N. Srinivas (Chicago, The University of Chicago Press, 1958), pp. 109-110, e Cl. Lévi-Strauss, “La sociologie française”, em *La Sociologie du XX Siècle*, PUF, Paris, 1947, p. 536.

<sup>9</sup> “O democrata, pelo fato de representar a pequena-burguesia, conseqüentemente uma classe intermediária, no seio da qual se mesclam os interesses das duas classes opostas, imagina estar acima dos antagonismos de classe”. (K. Marx, *Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte*, Ed. Sociales, Paris, 1963, p. 45).

<sup>10</sup> O capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft*, intitulado “Stände, Klassen und Religion”, traz exemplos particularmente típicos de proposições gerais sobre as classes na sua universalidade, Kiepenheuer und Wistch, Colônia-Berlim, 1964, vol. I, pp. 368 e seq.).

se coloca para a Etnologia estrutural quando ela tenta comparar os traços culturais de culturas com estruturas diferentes.<sup>11</sup>

Se é verdade que duas classes (ou duas sociedades) definidas por condições de existência e práticas profissionais idênticas ou semelhantes podem apresentar propriedades diferentes quando, inseridas em estruturas sociais diferentes, ocupam posições estruturalmente diferentes,<sup>12</sup> e, inversamente, que duas classes (ou dois grupos) caracterizados por condições de existência e práticas profissionais diferentes podem apresentar propriedades comuns porque ocupam posições homólogas em duas estruturas diferentes, o estabelecimento de proposições gerais, transculturais e trans-históricas, não pode resultar da simples aproximação de casos isolados do contexto histórico e social no qual eles estão inseridos; como observa Georges Dumézil, “aquele que compara deve-se prender às estruturas tanto quanto e mais que a seus elementos”.<sup>13</sup> A comparação só pode ser estabelecida na verdade entre *estruturas* equivalentes ou entre *partes* estruturalmente equivalentes dessas estruturas. Assim como um circuito elétrico e um circuito hidráulico semelhantes em sua estrutura apresentam propriedades análogas, no sentido de que essas propriedades podem ser traduzidas da linguagem da eletricidade para a linguagem hidráulica, com uma correspondência biunívoca dos elementos de cada estrutura, da mesma forma as estruturas sociais de duas sociedades diferentes podem apresentar propriedades estruturalmente equivalentes apesar das diferenças profundas ao nível das características objetivas (e em particular econômicas) das classes que as constituem. A distinção entre uma apreensão estrutural e uma apreensão “realista” das classes sociais permaneceria gratuita se não permitisse submeter toda classe social a uma interrogação mais sistemática e mais metódica. E, poder-se-lhe ganhar ao menos em clareza se se observasse que, entre as proposições gerais sobre as classes sociais, há algumas que, se aplicando a unidades de-

<sup>11</sup> Cf. A. R. Radcliffe-Brown, “The Study of Kinship Systems”, em *Structure and Function in Primitive Society*, Londres, 1963, pp. 53-54, e também *ibid.*, pp. 86-87 e 194.

<sup>12</sup> Isso é igualmente verdadeiro para as línguas ou culturas. “Duas culturas”, escreve C. Kluckhohn, “podem ter inventários quase idênticos e ser no entanto extremamente diferentes”, *Mirror for Man*, McGraw-Hill, Nova York, 1949, p. 34.

<sup>13</sup> G. Dumézil, *L'Heritage indo-européen à Rome*, Gallimard, Paris, 1949, p. 38.

linidas, exclusivamente ou primordialmente pela sua posição diferencial numa estrutura social, estabelecem ligações regulares entre posições homólogas e entre certas características das unidades colocadas nessas posições, enquanto outras, ligando-se a grupos definidos exclusivamente ou primordialmente pela sua situação, estabelecem relações entre situações que podem ser tratadas como idênticas ou semelhantes (na medida em que elas muito pouco ou nada devem ao contexto histórico-cultural) e algumas características dos grupos colocados nessas situações. No primeiro tipo caberia por exemplo a proposição que se encontra, com variantes, em Sombart e em Weber e segundo a qual o ressentimento, disfarçado sob a aparência de indignação moral, é historicamente associado a uma posição inferior na estrutura social e, mais precisamente, ao pertencimento à camada inferior das classes médias. Ao segundo tipo pertenceria a proposição segundo a qual a insegurança econômica (associada, entre outras coisas, à instabilidade do emprego) impede que os subproletários possam constituir um corpo coerente de reivindicações econômicas e sociais.

É claro que a força explicativa das proposições de tipo estrutural varia consideravelmente segundo a posição das classes sociais às quais ela se aplica e segundo o grau em que as propriedades de posição sejam irredutíveis às propriedades de situação.

Sem dúvida, não é por acaso que as proposições universais a respeito dos subproletários estabelecem relações entre os determinismos objetivos que definem a situação e as atitudes ou as representações que são o efeito direto dessas condições interiorizadas, enquanto as proposições sobre as classes médias, cujas condutas, menos completamente determinadas pela situação, dependem mais amplamente de uma posição definida dinamicamente, são naturalmente de tipo estrutural.

A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social nunca pode ser definida completamente de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa ("superior", "média" ou "inferior") numa estrutura dada em determinado momento do tempo: o ponto da trajetória, apreendido por um corte sincrônico, encerra sempre a inclinação do trajeto social: por conseguinte, sob pena de deixar escapar tudo o que define concretamente a experiência da posição como etapa de uma ascensão ou de uma queda, como promoção ou regressão, é preciso caracterizar cada ponto pela diferencial

da função que exprime a curva, isto é, por toda a curva. Em decorrência podem-se distinguir *propriedades ligadas à posição definida sincronicamente* e *propriedades ligadas ao devêr da posição*: de fato, duas posições aparentemente idênticas do ponto de vista da sincronia podem-se revelar profundamente diferentes, se referidas somente ao contexto real, conhecer-se o devêr histórico da estrutura social no seu conjunto e, através dele, o da posição; e, inversamente, indivíduos (por exemplo os que Jurgen Ruesch chama "*climbers*" — indivíduos em vias de ascensão — ou "*strainers*" — indivíduos aspirando em vão à ascensão — ou ainda os que Harold L. Wilensky e Hugh Edwards chamam "*skidders*" — indivíduos em declínio) ou grupos (classes ascendentes ou descendentes) podem ter propriedades comuns na medida em que têm em comum, senão sua trajetória social, pelo menos a inclinação, ascendente ou descendente, de seu trajeto.<sup>14</sup>

Para mostrar que duas classes sociais que ocupam a mesma posição (sincronicamente e sobretudo diacronicamente) em duas estruturas sociais diferentes podem apresentar um certo número de propriedades comuns, apesar das diferenças de situação que uma definição aristotélica registraria mecanicamente — e, evidentemente, isso tanto mais quanto elas devam uma parte maior de suas propriedades a sua posição diferencial — bastaria um exemplo: "Pode-se discernir na sociedade elisabetana", escreve Louis B. Wright, "um amplo grupo médio cujas ocupações eram comerciais e cujos interesses intelectuais eram coloridos pelas particularidades de seu lugar na ordem social".<sup>15</sup> Situada entre a classe alta, composta pela nobreza titulada, pela nobreza de terras e membros de profissões intelectuais, de um lado, e camponeses iletrados, pequenos artesãos e trabalhadores não-qualificados, de outro, a classe média, composta principalmente de comerciantes e artesãos abastados, desenvolvia um estilo de vida original, opondo suas virtudes de pou-

<sup>14</sup> J. Ruesch, "Social Technique, Social Status and Social Change in Illness", em C. Kluchhohn e H. A. Murray, *Personality in Nature, Society and Culture*, Alfred Knopf, Nova York, 1964, pp. 131-132; H. L. Wilensky e H. Edwards, "The Skidder: Ideological Adjustments of Downward Mobile Workers", *American Journal of Sociology*, XXIV (1959), pp. 315-331.

<sup>15</sup> L. B. Wright, *Middle-Class Culture in Elizabethan England*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, Carolina do Norte, 1935, Prefácio, VII, grifo do autor.

pança aos lúzeres ruinosos da nobreza e à pobreza imprevidente das classes populares. A descrição desse estilo de vida faz aparecer numerosos traços que, sobretudo em matéria de atitude a respeito da educação e da cultura, valeriam, dentro de certas colorações circunstanciais, para as classes médias de nossas sociedades: crença no valor da educação como instrumento de ascensão social, como "meio de curar os males sociais, de gerar felicidade e de tornar a humanidade mais sábia, mais rica e mais piedosa",<sup>16</sup> reivindicação de uma educação "prática", própria para fornecer treinamento para a profissão futura, estética "utilitarista" que levava a julgar o valor de um livro segundo sua utilidade (daí, por exemplo, os prefácios e as dedicatórias declarando as virtudes das obras ou invocando intenções didáticas e morais). E os burgueses elisabetanos exprimem, no seu interesse pelas obras de vulgarização histórica e científica (que florescem ao mesmo tempo que os manuais de etiqueta) e no seu desprezo receoso pela ficção frívola, o mesmo *ethos* dominado pelos valores de utilidade e de seriedade, a mesma boa vontade cultural e a mesma procura ansiosa de identificação com a cultura (cultura objetiva e cultura objetivada) da elite que levam os pequenos-burgueses da nossa sociedade a ler *Ciência e Vida*, *História*, ou essa literatura de primeira qualidade que são os prêmios literários.<sup>17</sup>

Assim, a abordagem estrutural permite apreender, pelo estudo sistemático de um só caso particular, traços trans-históricos e transculturais que se encontram, com variantes, em todos os grupos que ocupam posições equivalentes. Pode-se sugerir, sem entrar nos detalhes de uma longa análise, que a pequena-burguesia, classe de transição que se define fundamentalmente pelo que não é mais e pelo que ainda não é, deve muitas de suas atitudes, por exemplo sua inclinação para a objetividade, a uma posição de dupla oposição, em relação às

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>17</sup> Da mesma forma Dina Bertoni Jovine mostra que na Itália, na segunda metade do século XIX, a literatura de vulgarização atinge sobretudo as classes médias: "Era o público mais disposto a sofrer a influência desses livros: um público que reconhecia de bom grado nos exemplos de trabalho e de honestidade o reflexo de sua própria existência e da de seus próprios pais e que abominava a violência e a desordem; pessoas que tinham saído de incerteza econômica ou de uma condição social modesta, ao preço da paciência, constância, inteligência e atividade, de sacrifício e de renúncias". *Storia dell'educazione popolare in Italia*, Universale Laterza, Bari, 1965, p. 318.

classes superiores e em relação às classes populares. Não é por acaso que as descrições célebres de Groethuysen em *Origines de l'Esprit Bourgeois en France*, as de Sombart em *Le Bourgeois*, as de Goblot mostrando, em *La Barrière et le Niveau*, que alguma coisa do rigor jansenista se conservou na pequena-burguesia francesa dos séculos XIX e XX, as de Max Weber sobre a afinidade estrutural entre o espírito da burguesia nascente e o puritanismo, as que os sociólogos, os psicólogos e os psiquiatras americanos dão do "indivíduo modal" das classes médias (isto é, no que se refere à estrutura particular de nossa sociedade, do *pequeno-burguês*), se encontram em mais de um ponto.<sup>18</sup> Assim, o rigor das classes médias, que se manifesta por exemplo numa primeira educação mais rígida e repressiva e que se opõe tanto ao liberalismo (*permissiveness*) das classes populares quanto à laxidão das classes superiores, está sem dúvida alguma em afinidade estrutural com sistemas éticos ou religiosos que exaltam o trabalho, o esforço, a seriedade, a temperança e a poupança<sup>19</sup> e talvez não seja absurdo reconhecer, na oposição entre aqueles que, atualmente, contam com a ascensão escolar e intelectual da ascensão das obras e aqueles que a esperam pela graça dos dons uma forma moderna do debate entre o ascetismo jansenista da burguesia ascendente e a laxidão jesuíta da burguesia enriquecida. Não se pode deixar de ficar surpreso, por exemplo, com a analogia entre as expec-

<sup>18</sup> Cf., por exemplo, A. Davis e R. J. Havighurst, *Father of the Man*, Boston, 1947, e "Social Class and Color Differences in Child Rearing", *American Sociological Review*, XI (1946), 698-710; M. C. Ericson, "Child-Rearing and Social Status", *American Journal of Sociology*, LII (1946), 190-192. Pode-se mostrar que as diferentes formas de repressão correspondem diferentes formas de doenças mentais: "A cultura das classes baixas", escreve J. Ruesch, "favorece condições de desordem e de rebelião, a cultura de classe média, a formação de sintomas físicos e de reações psicossomáticas, e a cultura de classe alta, psiconeuroses e psicose do tipo maníaco-depressivo". ("Social Technique, Social Status, and Social Change in Illness", em C. Kluckhohn e H. A. Murray, *Personality in Nature, Society and Culture*, Nova York, 1964, pp. 123-136). Num outro sentido, E. M. Duvall observa que as classes médias insistem no "desenvolvimento" enquanto as classes populares são mais "tradicionais" ("Conception of Parenthood", *American Journal of Sociology*, LII (1946), pp. 193-203).

<sup>19</sup> Pelo fato de que a "estética" espontânea é na maioria das vezes uma dimensão do *ethos*, compreende-se também que as classes médias façam do trabalho do artista um dos critérios fundamentais da apreciação artística.

tativas (frequentemente difusas e confusas) que as crianças das classes populares e médias levam para o universo escolar e que, explicitadas e sistematizadas, poderiam levar à reivindicação de uma pedagogia racional, fundada no estabelecimento de um contrato que definisse explicitamente o exigível, sobre a racionalização das técnicas de transmissão da cultura e de controle do saber, e as expectativas da burguesia ascendente em matéria de salvação: "Deus insensivelmente se verá ser substituído por uma carta, uma constituição, e os destinos humanos serão regulados de forma que a criatura possa saber exatamente onde está em relação a sua salvação. Não se quer mais política secreta, pede-se que as coisas se façam à luz do dia, a fim de saber a que recorrer e, conseqüentemente, poder tomar suas disposições, tudo é simples e bem ordenado num mundo sem mistério. Nossa salvação é nossa própria obra, com o socorro da graça; é uma recompensa e não um golpe do acaso, como a sorte numa loteria, sobre a qual nem nossos desejos nem nossos esforços têm influência alguma. A grande incógnita, o segredo terrível que outrora enchia de espanto o coração dos fiéis, não existe mais."<sup>20</sup>

Se for possível ver no ressentimento uma das dimensões fundamentais do *ethos* e da ética ascética da pequena-burguesia (ou, mais geralmente, da burguesia na sua fase ascendente), é sem dúvida porque ele autoriza os membros das classes médias, conscientes de não dever sua ascensão senão a privações e a sacrifícios que são poupados, segundo eles, pelo menos, aos membros das classes populares e aos membros das classes superiores, a fazer, como se diz, da necessidade virtude e a condenar tanto a laxidão dos que não tiveram que pagar o preço da ascensão quanto a despreocupação imprevidente daqueles que não quiseram ou souberam pagá-lo. O Padre Bourdaloue explicita os princípios do *ethos* burguês (ou em referência a uma outra estrutura, pequeno-burguês): "Por que, digamos a verdade, se há inocência no mundo, onde está ela senão nas condições e nos Estados em que a lei do trabalho é inviolavelmente observada? Entre os grandes, os nobres, os ricos, isto é, entre aqueles cuja vida não é senão divertimento e preguiça, não procurem a verdadeira piedade e não esperem encontrar aí a pureza dos costumes [...]. Onde então pode

ela ser encontrada? Nos casebres de uma pobreza vadia que não tem outra ocupação que a mendicância?" E vê-se imediatamente como a indignação moral se associa à convicção meritocrática: "Se ele [o burguês] se tornou pobre, é culpa sua; se enriqueceu, se atribui o mérito. Em face da divindade, ele estabelece suas próprias responsabilidades."<sup>21</sup>

Assim, longe de que se possa ver um puro e simples efeito da organização e da prática burocráticas em alguns dos caracteres mais manifestos das franjas inferiores da pequena-burguesia (empregados, quadros subalternos e médios) como a inclinação à fuga para o formalismo ou o rigorismo rígido da relação com o regulamento, seria fácil mostrar que esses traços, que podem manifestar-se também fora da situação burocrática, expressam, na lógica dessa situação, o sistema de valores implícitos ou explícitos ou as "virtudes", probidade, minúcia, rigorismo moral e propensão à indignação moral,<sup>22</sup> que os membros das camadas inferiores das classes médias (onde se recrutam os pequenos-funcionários) devem a sua posição (definida dinamicamente) na estrutura social e que bastaria para predispor-los a aderir aos valores de serviço público e às virtudes exigidas por uma burocracia, se as carreiras administrativas não fossem também para eles o meio por excelência da ascensão social.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Citado por B. Groethuysen, *op. cit.*, pp. 200 e 223.

<sup>22</sup> Svens Ranulf, *Moral Indignation and Middle Class Psychology*, (Copenhagen, 1938). Neal E. Miller e John Dollard mostram também que a agressividade (que encontra um exatário "legítimo" na reprovação moral) se encontra sobretudo nas pessoas em forte ascensão social (*Social Learning and Imitation*, Yale, 1964, p. 6); cf. também A. Davis e J. Dollard, *Children of Bondage*, American Council of Education, Washington, 1940.

<sup>23</sup> "Imagem o burguês formado segundo as regras da Igreja. Ele se deita e se levanta em horas regulares. Tem suas horas de trabalho e de repouso. Não fará nunca grandes esforços e não ultrapassará nunca os limites que traçou para si mesmo. O espírito de sua vida é a regularidade. O preceito que os dias se igam numa perfeita uniformidade e que nada seja desarrumado na ordem estabelecida. O trabalho para ele faz parte do ritmo geral da vida; ele não trabalha pela necessidade de vencer, trabalha para dar consistência à sua vida, que de outra maneira não o teria. A Igreja o abençoa em razão de sua seriedade e porque ele se atém ao que está estabelecido. Esse burguês existe certamente: é o empregado modelo. A Igreja contribuiu para formar um certo tipo de burguesia média e para povoar os escritórios. Homem honrado, esse burguês modesto e arrumado vai todos os domingos à missa, como todos os dias da semana ao seu escritório." B. Groethuysen, *op. cit.*, pp. 218-9.

<sup>20</sup> B. Groethuysen, *Origines de l'esprit bourgeois en France*, I, *L'Eglise et la bourgeoisie*, N. R. F., Paris, 1927, p. 116.

Seria necessário mostrar também como as características das diferentes classes sociais dependem não somente de sua posição diferencial na estrutura social, mas também de seu peso funcional nessa estrutura, peso proporcional à contribuição que elas trazem à constituição dessa estrutura e que não está ligada somente a sua importância numérica. Assim, por exemplo, em sociedades onde o pequeno desenvolvimento da economia e, mais precisamente, da indústria confere à burguesia industrial e ao proletariado pouco peso funcional, o sistema das relações entre a pequena-burguesia que fornece os quadros administrativos do Estado e o imenso subproletariado, formado pelos desempregados, trabalhadores intermitentes das cidades e camponeses "descampesinados", domina e determina toda a estrutura da sociedade. Em consequência, a pequena-burguesia dos trabalhadores permanentes e não-manuais pode apresentar numerosos traços que a aproximam das classes médias de sociedades mais desenvolvidas do ponto de vista econômico, como a inclinação ao ascetismo e ao moralismo, devendo, ao mesmo tempo, numerosos caracteres originais, por exemplo na ordem da ação política, a sua posição em relação ao proletariado levado a contestar seu "aburguesamento" e seus privilégios, mas muito fraco para lhe impor suas exigências, e em relação aos subproletários prontos a acolher as profecias milenares que lhe propõe "a *intelligentsia* proletaróide" vinda das classes médias.

Se é verdade que as classes sociais são, sob um certo aspecto, "partes" da totalidade social, sob outro "elementos", e isso a níveis desiguais segundo sua posição na estrutura social e segundo a própria estrutura social, é possível estabelecer dois tipos de proposições trans-históricas e transculturais, colocando as características das classes sociais em relação umas com sua situação, as outras com sua posição na estrutura. Sem ignorar — pelo contrário — o que as classes sociais devem a sua posição numa estrutura social de um tipo determinado e sem pressupor, à diferença das proposições que Lewin chamaria "aristotélicas", a referência à série completa dos casos históricos, as proposições de tipo estrutural estabelecem regularidades ligadas a homologias de posição.

Em outras palavras, da mesma forma que a descoberta das estruturas de uma língua dialetal supõe a apreensão prévia das estruturas particulares dos diferentes dialetos que a compõem, assim também as proposições com pretensão universal

sobre as sociedades globais ou sobre grupos constitutivos dessas sociedades, como as classes, são apenas classificações abstratas enquanto as categorias propostas não refletirem as estruturas que podem ser descobertas nos sistemas concretos;<sup>24</sup> não só o esforço para descobrir e descrever a estrutura específica de uma sociedade particular, isto é, o sistema das relações que se estabelecem entre suas diferentes partes e conferem por isso uma singularidade irreduzível tanto a cada uma de suas partes como à totalidade que elas compõem, não impede a comparação entre partes pertencentes a totalidades diferentes, mas constitui a condição da validade de uma comparação que, para ser realmente fundamentada, deve estabelecer-se entre partes estruturalmente equivalentes.

Uma classe social nunca é definida somente por sua situação e por sua posição numa estrutura social, isto é, pelas relações que elas mantêm objetivamente com as outras classes sociais; ela deve também muitas de suas propriedades ao fato de que os indivíduos que a compõem entram deliberadamente ou objetivamente em relações simbólicas que, expressando as diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendem a transmutá-las em *distinções significantes*. A independência relativa do sistema de atos e de procedimentos expressivos ou, se for preferível, de *marcas de distinção*, graças às quais os sujeitos sociais exprimem e, ao mesmo tempo, constituem, para eles mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social (e a relação que eles mantêm com essa posição), realizando uma duplicação expressiva dos "valores" (no

<sup>24</sup> Na lógica do pensamento de Saussure, que considerava a língua — isto é, por oposição à linguagem, uma língua particular, como o francês ou o alemão — como o único objeto concreto da lingüística, Kenneth L. Pike opõe a ideia que, estabelecendo proposições generalizadas sobre os dados, permite identificar, descrever e classificar sistematicamente todos os dados comparáveis de todas as línguas e de todas as culturas do mundo graças a um sistema de critérios (elaborado pelo analista anteriormente ao estudo da cultura particular de onde ele tira seus dados) e organizar em tipos os elementos analisados, a ideia que se propõe descobrir e descrever o modelo de uma língua ou de uma cultura particular "levando em conta a maneira particular segundo a qual os diferentes elementos dessa cultura estão ligados uns aos outros no funcionamento de um modelo particular". K. L. Pike, *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behaviour*, I, Summer Institute of Linguistics, Grendale, Califórnia, 1965, p. 8.

sentido dos lingüistas) necessariamente ligados à posição de classe, autoriza a autonomização metodológica de uma ordem propriamente cultural. Com efeito, essa "expressão sistemática" (segundo os termos de Engels) da ordem econômica e social pode, enquanto tal, ser legitimamente constituída e tratada como sistema e, portanto, ser o objeto de uma apreensão estrutural.

Constatando que o poder puro e simplesmente econômico e sobretudo "a força nua do dinheiro" não constituem necessariamente um fundamento reconhecido do prestígio social, Max Weber distingue a classe social como grupo de indivíduos que, partilhando a mesma "situação de classe", isto é, a mesma "situação de mercado", têm as mesmas oportunidades típicas no mercado de bens e de trabalho, de condições de existência e de experiências pessoais, e os grupos de status (*Stände*) como conjuntos de homens definidos por uma certa posição na hierarquia da honra e do prestígio. Tudo parece indicar que Max Weber opõe a classe e o grupo de status como dois tipos de unidades reais que se encontrariam mais ou menos frequentemente segundo o tipo de sociedade (isto é, ao que parece, segundo o grau de autonomização e de dominação da ordem econômica); para dar às análises weberianas toda a sua força e seu alcance, é preciso antes ver nelas unidades nominais que podem reconstituir mais ou menos completamente a realidade segundo o tipo de sociedade, mas que são sempre o resultado da escolha entre acentuar o aspecto econômico ou o aspecto simbólico, aspectos que coexistem sempre na própria realidade (em proporções diferentes segundo as sociedades e segundo as classes sociais de uma mesma sociedade), visto que as distinções simbólicas são sempre secundárias em relação às diferenças econômicas que elas expressam, transfigurando-as.

O que Max Weber chama "a ordem propriamente social" como modo de distribuição do prestígio social dispõe apenas de uma autonomia relativa, visto que está unida à ordem econômica como modo de distribuição e de utilização dos bens e das prestações econômicas por meio de relações de interdependência mais ou menos restritas ou mais ou menos fortes segundo as sociedades;<sup>25</sup> mas ele deve a essa autonomia parcial a possibilidade de desenvolver sua lógica própria enquanto

<sup>25</sup> M. Weber, *op. cit.*, t. II, p. 688.

universo das relações simbólicas. É notável na verdade que todos os traços que Max Weber designa ao grupo de status resultem da ordem simbólica, quer se trate do estilo de vida ou dos privilégios honoríficos (tais como o uso de roupas diferentes, o consumo de iguarias especiais, proibidas aos outros, o porte de armas, o direito de se dedicar como dileitante a práticas artísticas) ou ainda regras e proibições regendo as trocas sociais e particularmente os casamentos. Mas, mais profundamente, enquanto, "todo tipo de situação de classe, sobretudo quando ela repousa no poder da propriedade enquanto tal, se realiza na sua forma mais pura quando todos os outros determinantes das relações recíprocas estão tanto quanto possível ausentes", "posse e não posse sendo as características fundamentais da situação de classe", os grupos de status se definem menos por um ter do que por um ser irredutível a seu ter, menos pela posse pura e simples de bens que por uma certa maneira de usar esses bens, a procura da distinção podendo sempre introduzir uma forma inimitável de raridade, a raridade da arte de bem consumir que pode ainda conferir a realidade ao bem consumido mais comum. Eis porque, como observa ainda Max Weber, "seria possível dizer, ao preço de uma simplificação excessiva, que as classes se distinguem segundo sua relação com a produção e com a aquisição de bens, e os grupos de status, ao contrário, segundo os princípios de seu consumo de bens representado por tipos específicos de estilo de vida".<sup>26</sup>

Isso significa que as diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usar esses bens, se for preferível, no consumo, e mais ainda no consumo simbólico (ou ostentatório) que transmuta os bens em signos, as diferenças de fato em distinções significantes, ou, para falar como os lingüistas, em "valores", privilegiando a maneira, a forma da ação ou do objeto em detrimento de sua função. Segue-se que, de todas as distinções, as mais pres-

<sup>26</sup> Segue-se, observa M. Weber, que "as diferenças entre as classes se entrecruzam de mil maneiras com as distinções de status; em outras palavras, se a posse de bens tende sempre a se tornar, a longo prazo, a condição necessária de pertencimento a um grupo de status, ela nunca é uma condição suficiente e a honra de uma ordem estatutária não está necessariamente ligada a uma situação de classe, visto que ao contrário ela se distingue radicalmente, em regra geral, das pretensões de pura e simples propriedade".

algumas não aquelas que simbolizam mais claramente a posição na estrutura social — como a roupa, a linguagem ou o **notaque** e sobretudo as “maneiras”, o bom gosto e a cultura — porque elas pretendem aparecer como propriedades essenciais da pessoa, como um ser irredutível ao ter, em poucas palavras, como uma *natureza*, mas, paradoxalmente, uma natureza cultivada, uma cultura tornada natureza, uma graça e um dom. O risco do jogo da divulgação e da distinção, como se vê, é senão a excelência humana, aquilo mesmo que toda sociedade reconhece no homem cultivado.

Não é pois por acaso que, como observa Weber, “os grupos de *status* são os portadores de todas as “convenções”: toda a “estilização da vida, qualquer que seja a forma sob a qual ela se manifesta, tem sua origem num grupo de *status* ou é mantida em vida por um grupo de *status*”.<sup>27</sup> Enfatizar as *maneiras* é privilegiar a forma de ação a expensas de sua função e dos instrumentos e materiais que ela utiliza; conseqüentemente, como observa Weber, não há nada que repugne mais acentuadamente a honra das ordens de *status* do que o regatear, peça essencial do jogo no mercado, completamente diferente do jogo das trocas simbólicas. É pois natural que, como as sociedades tradicionais, os grupos de *status* imponham àqueles que querem participar deles, além de modelos de comportamento, modelos da modalidade dos comportamentos, isto é, regras convencionais que definem a justa maneira de executar os modelos. “Vale a pena observar”, escreve Veblen, “que toda essa categoria de observâncias cerimoniais classificadas no capítulo geral de maneiras ocupa um lugar mais importante na estima dos homens num estágio de cultura em que o lazer ostentatório tem maior voga, enquanto marca a honorabilidade, do que em estágios ulteriores do desenvolvimento cultural [...]. As maneiras acabam por enfeixar, na visão popular, uma utilidade substancial nelas mesmas, adquirem um caráter sacramental.” Dissociar fins perseguidos da maneira de atingi-los e propô-la como objeto de uma apreensão específica, privilegiar o estilo em detrimento da eficácia e submetê-lo à estilização, considerar a execução completa da repartição social como o signo por excelência da realização social, tudo isso vem a se fazer da arte de viver umas das Belas-Artes e a transmutar as coerções naturais em regras culturais, propriamente humanas.

<sup>27</sup> Weber, *op. cit.*, t. II, p. 686.

Assim, a lógica do sistema dos atos e dos procedimentos expressivos não pode ser compreendida independentemente de sua função, isto é, de dar uma tradução simbólica do sistema social como “sistema de inclusão e de exclusão”, segundo a expressão de McGuire,<sup>28</sup> de significar a comunidade e a distinção transmutando bens econômicos em signos e ações orientadas para fins econômicos em atos de comunicação (que podem expressar a recusa em comunicar). Nada seria mais falso na verdade do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) não significam nada além delas mesmas: expressam sempre a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a da distinção. Signos, que, enquanto tais, são “definidos não positivamente pelo seu conteúdo, mas negativamente pela sua relação com os outros termos do sistema”<sup>29</sup> e que, sendo apenas o que os outros não são, recebem seu “valor” da estrutura do sistema simbólico, são predispostos por uma espécie de harmonia preestabelecida a expressar o “nível” de *status* que, a palavra diz, deve o essencial de seu “valor” a sua posição numa estrutura social definida como sistema de posições e de oposições.

Tudo ocorre pois como se os sistemas simbólicos estivessem consagrados pela lógica de seu funcionamento enquanto estrutura de homologias e de oposições ou, melhor, de afastamentos diferenciais a preencher uma função social de associação e dissociação e, mais precisamente, a expressar os afastamentos diferenciais que definem a estrutura de uma sociedade como sistema de significações tirando os elementos constitutivos dessa estrutura, grupos ou indivíduos, da *insignificância*. Assim, a linguagem e o vestuário, ou, melhor, certas maneiras de tratar a linguagem e o vestuário, introduzem ou **expressam** afastamentos diferenciais no interior da sociedade, a título de **signos ou insígnias da condição ou da função**.

**De todos os consumos e de todos os comportamentos que podem receber uma função expressiva, quer se trate da compra de um automóvel, quer da decoração de um apartamento ou da escolha de um estabelecimento escolar para seus filhos, são, na verdade, com a língua e a cultura, a ventimenta e o**

<sup>28</sup> McGuire, “Social Stratification and Mobility Patterns”, *American Sociological Review*, XV (1950), pp. 195-204.

<sup>29</sup> Hjelmslev, *Essais Linguistiques*. Trabalho do círculo lingüístico de Copenhague (Copenhague, 1959), vol. XII, p. 106.

adereço que, em razão de seu alto rendimento simbólico, preenchem melhor a função de associação e dissociação. Na verdade, como observava Simmel, a moda indumentária é um processo que combina a individualização e a imitação e que, como *Sich-gleich-machen*, fazer-se igual, conforme as palavras de Hegel, expressa paradoxalmente a vontade de afirmar a particularidade pela procura da diferença última. E Simmel observa ainda que a moda, que permite marcar simbolicamente a "distinção", adotando sucessivamente diferentes signos distintivos, obedece a uma lógica semelhante à da honra (pelo menos tal como ela é observada nas sociedades estratificadas) pelo que ela confere também uma marca comum aos membros de um grupo.<sup>30</sup> De fato, a lógica da divulgação (que Bernard Barber e Lyle Lobel chamam *trickle down pattern*) autoriza e exige ao mesmo tempo a procura de diferenças sutis num fundo de semelhança grosseira. Assim, nos Estados Unidos, à medida que se difundem os estilos novos, de origem parisiense, dos quais os costureiros produzem imitações em número limitado, portanto muito caras, os criadores das diferentes séries de preço inferior integram o melhor que podem os traços da nova moda nas linhas que criam, para responder à demanda atual ou antecipada das pessoas de nível inferior. Por conseguinte, da mesma forma que a língua, o vestuário como sistema simbólico de função expressiva obedece à lógica das oposições significativas: no cimo da hierarquia social, as velhas famílias da Nova Inglaterra afirmam uma "distinção" fundada no nascimento e na herança (por oposição ao êxito profissional) recusando as audácias da moda francesa e utilizando a aristocracia inglesa nos seus gostos pelos *tweeds* e os *woolens* tanto quanto em todo seu estilo de vida. Abaixo, as famílias de antiga fortuna (*old money families*) encontram na moda parisiense símbolos indumentários ligados à riqueza e a um estilo de vida mais cosmopolita que expressam melhor sua condição econômica e sua posição social do que a moda conservadora da alta sociedade e, preocupados em se definir tanto em relação à classe superior quanto a inferior, eles se esforçam por associar a opulência à elegância discreta e procuram o "chic" e a "sofisticação" (por oposição à distinção aristocrática da alta

<sup>30</sup> G. Simmel, "Fashion", *International Quarterly*, X (1904), 1930-1935, transcrito em *American Journal of Sociology*, LXII (1957), 541-558.

classe) evitando a ostentação do *nouveau riche*. As classes médias recusam a moda parisiense como "ousada", "extraordinária" e "excessiva" e substituem pela procura da "respeitabilidade distinta" que expressa a palavra "smart" a preocupação do efeito procurado que está na palavra "chic".<sup>31</sup> Ainda que a divulgação da moda suponha a produção em série, condição da baixa dos preços, os produtores se esforçam para evitar a uniformidade completa, "distribuindo seus estoques numa vasta área geográfica, colocando um número limitado de roupas do mesmo estilo, da mesma origem e do mesmo tamanho em cada cidade, em cada vendedor".<sup>32</sup> Assim, a dialética da divulgação e da distinção explica inteiramente o funcionamento do sistema e a mudança incessante que o caracteriza: na verdade, um estilo deve necessariamente mudar quando foi completamente divulgado, porque, a título de signo distintivo, não poderia universalizar-se sem perder a significação ou melhor o "valor" (no sentido saussuriano) que tira de sua posição num sistema e de sua oposição aos outros elementos do sistema. É sem dúvida o mesmo princípio que impõe à procura da distinção uma renovação incessante de seus processos expressivos em todos os domínios em que, com a produção em série, por exemplo, os indícios tradicionais de *status* se tornam mais amplamente acessíveis e em que a preocupação em marcar as diferenças se deve expressar pela recusa dos consumos e das práticas muito comuns (a fotografia, a televisão ou certo tipo de turismo) ou pela maneira original de sacrificar a esses consumos ou a essas práticas, o afastamento diferencial aparecendo então ao nível da modalidade dos comportamentos.

<sup>31</sup> B. Barber e L. S. Lobel, *loc. cit.*

<sup>32</sup> Se as regras que regem as escolhas estéticas de cada classe se exprimam sob a forma de proibições negativas, elas podem ser negativas ou, melhor, opositivas, sem se reduzi-las à negação das regras às quais obedecem as outras classes. A recusa da "vulgaridade" como procura da distinção se exprime segundo uma lógica própria a cada classe, uma vez que deve sua forma e sua coloração particulares ao *ethos* de cada classe. Assim, da mesma forma que a oposição entre as velhas famílias e as famílias da velha fortuna se organiza em torno do princípio objetivo das diferenças que as separam e dos valores associados a esse princípio, ou seja, muito grossieramente, a herança e o dinheiro, assim também a desenvoltura com a qual os membros das classes superiores se dedicam, quando fazem, à fotografia se opõe à ascese laboriosa da aquisição que se exprime, por exemplo, no verbo "fazer" de "fazer a Itália", como a distinção natural se opõe ao esforço penoso.

Não é um efeito do acaso se o *snob*, enquanto personagem social, criador e imitador de processos expressivos em matéria de vestuário, de alojamento e de estilo de vida, é contemporâneo da revolução industrial e do desaparecimento das "ordens" estatutárias; na verdade, tudo leva a admitir que a renovação incessante dos processos expressivos que caracteriza o esnobismo se impõe sempre mais, em domínios sempre mais diversos e a grupos cada vez mais extensos, na medida em que as diferenças objetivas, econômicas ou estatutárias, tendem a apagar-se.

É uma lógica do mesmo tipo que regula os fenômenos de dissimulação observáveis no uso da língua. Aqui ainda, a lógica da simbolização da posição social não deve nada, ou muito pouco, às intenções individuais, porque a procura mais explícita da distinção se organiza de fato segundo regras socialmente definidas, as condutas "distintas" sendo no sistema dos procedimentos expressivos como palavras numa língua.<sup>33</sup> "Nas comunidades linguísticas fortemente diferenciadas, observa N. S. Troubetzkoy, essas distinções são muito marcadas nas pronúncias que repousam numa estrutura provincial, profissional ou cultural da sociedade [...]. A língua corrente em Viena soa na boca de um funcionária do ministério completamente diferente da que soa na boca de um vendedor de loja. Na Rússia pré-revolucionária os membros do clero se diferenciavam pela

<sup>33</sup> Ocorre como se as diferentes sociedades e as diferentes classes sociais propusessem a seus membros outros tantos sistemas diferentes de indícios de diferenciação. Assim, enquanto em nossas sociedades as práticas culturais devem a seu alto rendimento simbólico o ser o meio de expressão por excelência da procura da diferença pela diferença, esta pôde-se expressar também em outras épocas, em outros domínios, o da religião, por exemplo: "Assim, se acontece que aqueles que outrora eram simples crentes adotem a linguagem das pessoas esclarecidas, é para se provar a eles mesmos e aos outros que eles são de uma classe mais elevada, que eles se tornaram por sua vez pessoas de certa maneira." É uma prova a mais de que a religião tornou-se negócio do povo. Para ser burguês é preciso não acreditar. Esse homem que "olha com desprezo e como que do alto de sua grandeza, esse pobre povo que assiste com respeito aos Santos Mistérios", esse homem que "se acredita um personagem distinto porque não faz como os outros inclinações, genuflexões, orações [...] ao mesmo tempo que renega sua religião, estabelece uma distinção entre duas classes sociais, faz de certa maneira uma declaração, para fazer reconhecer seus direitos de burguesia" (B. Groethuyzen, *Origins de l'Esprit bourgeois en France*, I, *L'Eglise et la bourgeoisie*, NRF, Paris, 1927, p. 3).

pronúncia aspirante do g [...], mesmo se falavam em geral a língua literária mais pura; havia uma pronúncia particularmente "nobre" e uma pronúncia "comercial" do russo literário. Uma oposição entre a pronúncia das cidades e a pronúncia dos campos existe em todas as línguas, da mesma forma que entre a pronúncia de pessoas de grande cultura e a pronúncia dos ignorantes. Existe freqüentemente uma pronúncia "mundana" caracterizada por uma articulação displicente que é própria dos dândis e dos esnobes de toda sorte.<sup>34</sup> "Vê-se que a diferenciação dos processos expressivos da língua expressa a diferenciação social segundo uma lógica original. Decorre disso, de um lado, que cada procedimento expressivo tira seu "valor" apenas de sua posição no sistema dos procedimentos expressivos tão bem que seria ingênuo imputar a tal ou qual, nele mesmo e por ele mesmo, características tais como a "vulgaridade" ou a "distinção": assim, como observa Gérard Genette, a tradição retórica "define as figuras como maneiras de falar afastadas daquelas que são naturais e ordinárias, ou ainda [...] simples e comuns [...]. Em outras palavras, o efeito das figuras (vivacidade, nobreza, graça) é fácil de qualificar, mas seu ser só pode designar-se pelo fato de que cada figura é uma figura à parte e que as figuras em geral se distinguem das expressões não-figuradas pelo fato de que elas têm uma modificação particular, que chamamos figura."<sup>35</sup> Decorre daí, por outro lado, que se podem observar nos grupos sociais de nível elevado traços constantes da maneira "forma que Troubetzkoy caracteriza a pronúncia mundana por sua "displicência", observando que a "negligência na articulação das consoantes e o r uvulares são processos expressivos pelos quais se reconhece um dândi"<sup>36</sup> assim também Max Weber empresta aos grupos privilegiados uma tendência à "cultura" da vida, em desprego da "atividade de aquisição racional" — e especialmente da atividade de empreender — e pode-se observar que os membros das classes cultas manifestam uma forte inclinação para o dilettantismo e para uma representação caricatural da relação com a cultura.<sup>37</sup> Longe de que certas propriedades sejam

<sup>34</sup> N. S. Troubetzkoy, *Principes de phonologie*, Klincksieck, Paris, 1957, pp. 21-22.

<sup>35</sup> G. Genette, *Figures*, Seuil, Paris, 1966, p. 209.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>37</sup> Cf. P. Bourdieu e A. Darbel, *L'Amour de l'Art, la musée et son public*, Ed. Minuit, Paris, 1965.

intrinsecamente ligadas a certas condições econômicas e sociais, portanto a certas situações existenciais, é preciso admitir que a "posições" homólogas na estrutura social correspondem condutas simbólicas de estilos equivalentes.

De fato, à diferença do sistema lingüístico propriamente dito, os sistemas simbólicos que se podem chamar *expressivos* (tomando de Troubetzkoy a palavra pela qual ele caracteriza os processos fonológicos que, "numa comunidade lingüística, servem para caracterizar um grupo determinado de sujeitos falantes")<sup>38</sup> constituem sistemas hierarquizados, que se organizam por referência a um termo fixo, quer as maneiras *distintas* do grupo cujo nível é mais elevado, quer ao contrário, as maneiras *comuns* do grupo de nível inferior.<sup>39</sup> O princípio dos sistemas expressivos não sendo senão a procura da diferença ou, melhor, da distinção, no sentido de marca de diferença que separa do comum por "um caráter de elegância, de nobreza e de bom tom", como diz o Littré, compreende-se que os grupos de *status* tendam a se distinguir uns dos outros por oposições mais ou menos sutis e por conseguinte que os grupos de nível mais elevado sejam também aqueles que realizam melhor o refinamento, quer se trate da linguagem, do vestuário, quer, de maneira geral, de todo *habitus*.

A procura da diferença em matéria de linguagem pode levar à pura e simples "bifurcação lingüística", as classes cultas utilizando uma linguagem diferente das classes populares.<sup>40</sup> Mas a intenção de se distinguir se realiza talvez mais perfeitamente nos refinamentos levados à linguagem comum: no Ceilão, a linguagem dos sacerdotes e dos chefes é abundante, doce, elegante, cortês, como as pessoas que a usam e um observador nota o gosto dos habitantes pelos refinamentos estilísticos, tanto mais admirados quanto mais artificiais.<sup>41</sup> Na verdade, as maneiras mais procuradas não são sempre as mais complexas e o jogo das oposições pode, no caso de certas estruturas sociais, conduzir os grupos de nível elevado a adotar

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>39</sup> "Fala-se de um rosto *comum*", diz Kant, "em oposição a um rosto *distinto*". (E. Kant, *Anthropologie du point de vue pragmatique*, Vrin, Paris, 1964, p. 147).

<sup>40</sup> Ralph Pieris, "Speech and Society: A Sociological Approach to Language", *American Sociological Review*, XVI (1951), pp. 499-505.

<sup>41</sup> *Loc. cit.*, p. 26.

costumes os mais "simples" por uma espécie de dupla negação. Assim, da mesma forma que o estilo *simples* da retórica clássica não se define como tal a não ser por falta, isto é, por referência ao sistema de figuras, assim também, como observa Troubetzkoy, os estilos expressivos podem-se distinguir também tanto pela ênfase à função de apelo quanto pela sua redução: "Compara-se por exemplo o discurso exageradamente pleno de afetividade de uma senhora afetada e o discurso solenemente fleumático de um velho e importante dignitário." Assim também na nossa sociedade a preocupação em escapar ao zelo ingênuo dos fotógrafos apaixonados que são recrutados sobretudo nas classes médias pode levar os membros da classe culta a expressar numa prática fotográfica bem semelhante na aparência à das classes populares uma adesão reservada e desabusada, às vezes afirmada como que por desprezo ou por desafio, a uma atividade plena de vulgaridade em vista de sua divulgação. Numa sociedade diferenciada onde não se trata apenas de diferenciar do comum, mas de se diferenciar diferentemente, a lógica das invenções de e através da cultura trata semelhante encontrar uma simplicidade simples dos "simples" e a simplicidade diferenciada.

É preciso englobar na análise da posição de classe não somente os processos expressivos, mas é, os atos especificamente e intencionalmente destinados a expressar a posição social, mas o conjunto dos atos sociais que, mesmo nem que se tenha que querer e saber, *tradizem e traem*, com olhos dos outros e sobretudo dos estranhos ao grupo, uma certa posição na sociedade (a percepção da situação de classe, da sua própria como da dos outros, sendo espontaneamente "estrutural"). A autonomização do aspecto econômico das ações nunca é tão perfeitamente realizada, mesmo em nossas sociedades (e a fortiori nas sociedades tradicionais que acentuam por prazer

<sup>42</sup> "Pensando no operário, Citroën pretendia separar de uma só vez a função material do automóvel e seu valor simbólico. Um Jaguar tipo E, por exemplo, é um puro símbolo. É muito caro, anda muito rápido, não oferece bastantes lugares, é muito frágil etc.; em resumo, é rigorosamente inútil [...]. O "2 CV" devia ser um instrumento [...], mas muitos idealistas e intelectuais se deixaram levar [...]. O "2 CV" se queria livre de todo símbolo; ele se torna um símbolo ao inverso." (J. P. Held, "Quatre roues sous un parapluie", *Le Nouvel Observateur*, 24 de novembro de 1965).

a ambigüidade das condutas), a ponto de que as ações mais diretamente orientadas para fins econômicos sejam totalmente desprovidas de funções simbólicas. Isso é particularmente verdadeiro, evidentemente, no que se refere aos atos de consumo que, como Veblen mostrou, expressam sempre, ao menos secundariamente, a posição social (ela própria dotada de um valor determinado por oposição a outras posições) daqueles que os efetuam, enquanto são características de um grupo de *status* dado. Em outras palavras, se os processos expressivos como atos subjetivamente e intencionalmente destinados a expressar a posição social se opõem aos atos objetivamente expressivos (isto é, a todos os atos sociais) no que eles veiculam de significações no segundo grau, produtos de uma duplicação expressiva das significações do primeiro grau que os atos sociais devem necessariamente à posição na estrutura social daqueles que os efetuam, passa-se gradualmente, pela acentuação intencional (que pode chegar até a autonomização da função expressiva), dos atos sociais mais comuns aos processos expressivos e à procura da maximização do rendimento simbólico dos processos expressivos que se observa por exemplo em matéria de vestuário quando nos esforçamos, pela comparação sistemática, para adquirir pelo menor custo o máximo possível de valor simbólico.<sup>43</sup>

Nem todas as classes sociais de todas as sociedades estão igualmente disponíveis para o jogo da duplicação expressiva das diferenças de situação e de posição. Observou-se com frequência que a opinião do indivíduo sobre sua posição na hierarquia social e sobre a hierarquia das posições sociais, portanto sobre os critérios de hierarquização, é função direta de sua posição na hierarquia social. Assim, Davis e Gardner notam que os critérios de pertencimento de classe variam de uma classe para outra, as classes inferiores se referindo sobretudo ao dinheiro, as classes médias ao dinheiro e à moral, enquanto as classes superiores enfatizam o nascimento e o estilo de

<sup>43</sup> Bernard Barber e Lyle S. Lobel descrevem muito bem o "shopping pattern", segundo o qual, com a ajuda das revistas, as mulheres americanas se esforçam por obter pelo menor preço as roupas mais carregadas de valor simbólico, isto é, as mais altamente situadas na hierarquia dos valores da moda (cf. B. Barber e Lyle S. Lobel, "Fashion in Women's Clothes and the American Social System", *Social Forces*, XXXI, 1952, 124-131).

vida.<sup>44</sup> Decorre daí por exemplo que a hierarquia proposta por Warner com base em índices de estilo de vida e de prestígio social expressa, como se notou muitas vezes, o ponto de vista das classes superiores, mais atentas às distinções de *status* que as classes médias e populares.<sup>45</sup> Essas observações conduzem a lembrar as condições de possibilidades econômicas e sociais da transmutação simbólica das diferenças econômicas e sociais. Na verdade, as classes mais desfavorecidas do ponto de vista econômico nunca intervêm no jogo da divulgação e da distinção, forma por excelência do jogo propriamente cultural que se organiza *objetivamente* em relação a elas a não ser a título de recusa ou, mais exatamente, de *natureza*. O jogo das distinções simbólicas se faz pois nos limites estreitos definidos pelas coerções econômicas e permanece, por esse fato, um jogo de privilegiados das sociedades privilegiadas que se podem dar ao luxo de dissimular as oposições de fato, isto é, de força, em oposições de sentido.

Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção, segundo as quais as classes sociais expressam as diferenças de situação e de posição que as separam, não é reduzir todas as diferenças e menos ainda a totalidade dessas diferenças, a começar pelo seu aspecto econômico, as distinções simbólicas, não é tampouco reduzir as relações de força a puras relações de sentido; é encolher acentuar *explicitamente*, com fins heurísticos ao preço de uma abstração que deve aparecer como tal, um perfil da realidade social que passa frequentemente despercebido ou que, quando é percebido, muitas vezes deixa de aparecer como tal.

Todo um aspecto das relações objetivas ou intencionais que se estabelecem entre as classes sociais pode ser objeto de um estudo estrutural porque as marcas de distinção se organizam em sistemas, sobre a base da homologia da estrutura entre o

<sup>44</sup> Allison, Davis, Burleigh B. Gardner e Mary B. Gardner, *Deep South*, University of Chicago Press, Chicago, 1941, pp. 80-72, citado por Ruth Kerner Kerttunen, "The Warner Approach to Social Stratification", em *Handlin e Lipset, op. cit.*, p. 149.

<sup>45</sup> Observamos da mesma forma que a referência aos diferentes estilos de vida é infinitamente mais rica em todos os níveis da hierarquia social, numa sociedade economicamente pouco desenvolvida, como a Argélia, onde os determinantes econômicos parecem de maneira mais brutal, de modo que os critérios subjetivos e objetivos de estratificação se referem todos, direta ou indiretamente, à ordem econômica.

significante, isto é, os atos e os procedimentos expressivos, e o significado, isto é, o sistema das posições de *status*, definidas primordialmente por sua oposição a outras posições de *status*; a lógica das relações simbólicas se impõe aos sujeitos como sistema de regras absolutamente necessárias na sua ordem, irreduzíveis tanto às regras do jogo propriamente econômico quanto às intenções particulares dos sujeitos: as relações sociais não se reduzem nunca a relações entre subjetividade animadas pela procura do prestígio ou qualquer outra "movivação", porque elas são apenas relações entre condições e posições sociais que se realizam segundo uma lógica predisposta a expressá-las e, a esse título, têm mais realidade que os sujeitos que as habitam. A autonomia que torna possível a instauração das relações simbólicas ao mesmo tempo sistemáticas e necessárias é apenas relativa: as relações de sentido que se estabelecem no interior da margem restrita de variação deixada pelas condições de existência apenas expressam, fazendo-as sofrer uma transformação sistemática, as relações de força: tratar-se-ia pois de estabelecer como a estrutura das relações econômicas pode, determinando as condições e as posições sociais dos sujeitos sociais, determinar a estrutura de relações simbólicas que se organizam segundo uma lógica irreduzível àquela das relações econômicas.

## HIERARQUIAS NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS E ANTROPOLOGIA ECONÔMICA \*

MAURICE GODELIER

Tradução de ROSA MARIA RIBEIRO DA SILVA

O INVENTÁRIO das formas de propriedade e de produção nas sociedades primitivas ressalta mais do que nunca sua diversidade e complexidade. Nesses pontos a continuidade com as grandes obras do século XIX é grande. A interpretação simplista, empobrecida, da noção de um "comunismo primitivo" onde tudo é de todos não era a de Marx ou de Kovalevsky. Desde 1858, Marx insistia na existência de múltiplas formas de propriedade comum, isto é, em formas múltiplas que podem tomar a relação entre direitos de posse e de uso dos indivíduos. Ele sugeria igualmente que onde existe uma forma de propriedade comum não existem forçosamente, nem mesmo na maioria das vezes, formas de trabalho comum. Este parecia existir seja nos níveis mais arcaicos (cooperação dos caçadores - agricultores primitivos), seja em condições ecológicas particulares (melos semi-áridos), político-religiosas (trabalhos para o Estado, os deuses) ou históricas (sujeição de populações vencidas a seu vencedor). Os direitos de propriedade nas sociedades primitivas formam segundo a expressão de Malinowsky<sup>1</sup> "sistemas compostos" de regras diferentes segundo se referam à terra, ao rebanho, aos instrumentos de produção, às árvores plantadas, aos conhecimentos rituais. <sup>2</sup> Assim que os Siens da Nova Guiné distinguem dois tipos de apropriação. <sup>3</sup> Um con-

\* Reproduzido com autorização do autor, do original: *La Pensée*, n.º 143, fevereiro de 1969, pp. 101-114.

<sup>1</sup> Malinowsky, *Measure of customs of Melanesians*, 1929, p. 20. Malinowsky criticava Rivers, discípulo de Morgan, que falava, em *Psychology and Politics*, do "comportamento socialista e mesmo comunista das sociedades tais como as da Melanésia".

<sup>2</sup> Salisbury, *From Stone to Steel*, Melbourne, 1962.